

Recensões

M. Gabriela Torres Olleta, *Milagros y prodígios de San Francisco Javier*, Pamplona, Cátedra San Francisco Javier, Biblioteca Javeriana, 2005, vol. 6, pp. 213.

O livro *Milagros y prodígios de San Francisco Javier*, que foi escrito pela historiadora de arte Maria Gabriela Torres Olleta, constitui o sexto e, de momento, último volume da colecção “Biblioteca Javeriana” publicada desde 2004 pela Cátedra San Francisco Javier, Universidade de Navarra, como preparação para o ano jubilar de 2006. Aliás, a mesma investigadora fez a edição do primeiro volume desta série que é a *Vida Iconológica del apóstol de las Índias* por Gaspar Juárez, publicado em Roma em 1798 pela editora de Michelle Pulcinelli.

O livro consta de prólogo (pp. 13-32) e sete capítulos principais. O prólogo tem três sub-capítulos que são respectivamente “El milagro y la santidad” (pp. 13-16), “Las fuentes y los modelos” (pp. 17-31) e “Esta antología” (pp. 32-36). Torres Olleta explica no prólogo que o objectivo desta obra “foi contribuir para a homenagem ao Santo com uma antologia onde se podem encontrar alguns dos seus muitos milagres, alguns populares e conhecidos, quase esquecidos e mais recônditos os outros” (p. 14). De igual modo, para Torres Olleta, o conhecimento destes milagres ajudará aos leitores a compreender melhor a devoção e a confiança depositadas ao longo dos séculos na sua actividade taumatúrgica. Nesse sentido, ainda no prólogo Gabriela Torres Olleta fala do próprio acto milagroso, nomeadamente milagres *in vita e post mortem*, tomando como exemplos as perguntas e as respostas dos próprios processos de canonização de S. Francisco Xavier (pp. 14-15). Entre as fontes e os modelos de santidad de Francisco Xavier Gabriella Torres Olleta refere as vidas, relações de festas, relações de milagres, novenas e gozos, indicando passagens da vida de Xavier que têm Cristo, isto é o modelo evangélico, como o modelo preferido de santidad (pp. 18-32).

O primeiro capítulo tem como título “Antología de milagros de San Francisco Javier” (pp. 33-94) e começa com a menção de “milagros más clásicos”. Isto é, Gabriella Torres Olleta faz um apanhado dos milagres mais comuns nas vidas e nos sermões de Francisco Xavier, por isso mais importantes do ponto de vista da iconografia. Entre estes, destacam-se o milagre da bi-locação que terá ocorrido durante a viagem nos mares da China em 1551 (pp. 37-41). Segue-se o talvez mais famoso, embora falso milagre, associado com Xavier que começou a

fazer parte da hagiografia oficial do santo (bula de canonização) após Fausto Rodrigues (pp. 43-45) ter prestado o seu testemunho nos processos de Cebù, que decorreram respectivamente em 1608 e 1613. O dom das línguas (pp. 45-47), cuja enorme importância se justifica pela actividade missionária de Xavier entre muitos povos e muitas nações diferentes, foi um outro aspecto muito fomentado pela hagiografia de S. Francisco Xavier, tendo sido, por isso, igualmente incluído na bula de canonização. A intercessão ao Santo taumatúrgico, pois como Vieira dizia, Xavier era ele o próprio milagre, parece ter sido também, particularmente profícua numa enorme panóplia de doenças (pp. 47-48, 54-59, 64-67) que iam desde a epilepsia, a gota, a loucura, os tumores, até aos vários casos de lepra (pp. 47-48), epidemias (p. 54), partos complicados (pp. 67-68) e até à expulsão de demónios (pp. 80-84). Outros milagres comuns abordados por Gabriela Olleta, embora, do nosso ponto de vista, numa forma não suficientemente aprofundada, pela sua importância devocional e iconográfica, foram as ressurreições (pp. 58-67), onde a autora inclui um belíssimo poema de Calderón de la Barca (pp. 63-64) composto por altura das celebrações da sua canonização (1622) e ainda as visões e profecias (p. 73). Igualmente famosos são os episódios vários dos seus maiores momentos de padecimentos no Oriente (pp. 50-54), assim como do exacto momento da sua morte às portas da China, durante os quais um crucifixo no seu castelo de nascimento terá suado sangue (pp. 50-51), sendo este milagre representado, por isso, nas cerimónias de canonização. (p. 52). Muito curiosa e ainda pouco tratada pela bibliografia secundária é a lenda das crianças convertidas por Xavier, às quais teria transmitido os seus poderes de cura, para conseguir responder aos seus muitos empenhos. (pp. 71-73). Este capítulo termina com a indicação de vários milagres em batalhas marítimas (pp. 84-89) atribuídos à intercessão feita a S. Francisco Xavier, tema que, compreensivelmente também foi incluído na bula de canonização.

O segundo capítulo consta de alguns casos exemplificando o domínio que Xavier teria tido sobre os elementos da Natureza e que assumem relevância devocional pelo facto de aparentemente, pelo menos nas fontes europeias, Xavier ser muitas vezes conhecido entre os convertidos, como o Deus da Terra e do Mar. Torres Olleta começa pelo domínio que Xavier terá tido do sol (95-97), tema aliás muito importante no contexto português, tanto do ponto de vista iconográfico, como da devoção, pois foi nada menos o Padre Anónio Vieira a escrever que Xavier terá feito parar duas vezes o sol.¹ Similarmente, Xavier parece ter tido grande domínio sobre a terra, pois acalmava tremores de terra, e sobretudo devido ao milagre da incorrupção do seu corpo que foi elemento primordial da devo-

¹ António VIEIRA, *Sermões, Xavier Dormindo, Xavier Acordado*, Lisboa, Miguel Delande e António Pereira, 1694, 384.

ção prestada a este santo até ao séc. XIX. (pp. 98-99). O domínio que ele terá exercido sobre o ar relacionava-se com a sua aparente capacidade *in vitam e post mortem* de acalmar tempestades e tufões, e que se terá estendido dos mares do Oriente aos mares da Europa e mesmo aos mares da América (p. 102). Entre os casos de domínio do fogo atribuídos à intercessão de Xavier, e mencionados por Torres Olleta (pp. 103-107), destacam-se ainda os episódios de Potami, Calábria, Sul de Itália, e a sua imagem na Igreja de Cotate, Travancore, pois perante esta imagem ardia no séc. XVII um círio dentro de água como se estivesse dentro de azeite, sendo que este último milagre foi representado nada menos do que duas vezes (relevos 30 e 31) no túmulo em prata para conter os restos mortais de Francisco Xavier. Torres Olleta deixa para o fim deste capítulo o domínio da água do mar por parte do santo e que encontrou no proclamado milagre de transformação da água salgada em água doce (1551) o episódio mais representativo do mesmo domínio dos elementos naturais por parte de Francisco Xavier. Este importante aspecto de controlo da água do mar foi tratado pela literatura jesuítica desde Torselino, Bartoli, Lucena e ainda Lorenzo Ortiz que lhe dedicou expressamente uma obra intitulada *San Francisco Javier, Príncipe del Mar* e a qual foi impressa em Bruxelas em 1682.²

A Francisco Xavier foi atribuída uma capacidade de punir actos reprováveis, tema que ocupa o terceiro capítulo deste livro e que foi intitulado “El Castigo de los Malos” (pp.125-130). Este tema tem como melhor exemplificação a desgraça que terá caído sobre a Cidade de Tolo, nas ilhas de Moro, 1546, após os seus habitantes se terem tornado apóstatas do Cristianismo. Tal tragédia foi, por isso, incluída na bula de canonização de S. Francisco Xavier,

No quarto capítulo intitulado “Los milagros cotidianos: ofícios, trabajadores y dificultades económicas” (pp. 131-142), Torres Olleta começa por mencionar vários milagres *post mortem* que terão ocorrido em Potami, nomeadamente a cura do braço do escrivão, a cura da inflamação da garganta do clarinetista, a cura do jovem trabalhador ou das costas do pastor (pp. 133-135), e que são sinais inequívocos do intuito precoce da Companhia de Jesus em difundir a ideia de sucesso deste santo entre os mais pobres. Mas a intercessão a Francisco Xavier também parece ter resultado em casos de problemas económicos, tais como dívidas de jogo (pp. 135-139), problemas de dotes de jovens casadoiras (pp. 139-140) e de monjas (p. 140), viúvas com muitos filhos e poucos recursos (pp. 141-142) ou ainda como prémio dos esforços financeiros realizados pelos devotos para celebrarem a sua memória de forma condigna (p. 142).

² Para uma edição crítica desta obra, ver, Lorenzo ORTIZ, *San Francisco Javier, Príncipe del Mar*, edição de Ignacio Arellano, Universidade de Navarra, Cátedra Francisco Javier, Biblioteca Javeriana, 2004, vol. 2.

No quinto capítulo “El mundo animal en los milagros de San Francisco” (pp. 143 -149) são enumerados, citando Torres Olleta, “una série de milagres que afectam aos animais domésticos e selvagens: umas vezes são curas de animais de trabalho (...), outras mostram o domínio do santo sobre os irracionais. Por vezes, tomam o sabor duma fábula antiga ou lenda maravilhosa.” (p. 145).³ Enquanto o episódio dos tigres de Sanchuão, segundo o qual o santo convenceu estes animais ferozes a deixarem de devorar crianças e adultos, é específico desta figura (p. 148), uma dita pesca milagrosa (p. 149) tem origem óbvia na Bíblia, sendo, por isso, comum a vários santos cristãos.

No sexto capítulo, intitulado “Algunos milagros variados de difícil clasificación” (pp. 151- 170), Torres Olleta começa com a referência a um milagre, segundo o qual Francisco Xavier terá afastado com toda a facilidade uma grande viga que perturbava a passagem dum rio em Malaca, após um enorme grupo de homens o ter tentado sem qualquer sucesso (153). Tal milagre deverá, na nossa opinião, ter encontrado uma fonte de inspiração no célebre milagre do tronco de S. Tomé Apóstolo. Segue-se um rol de milagres de natureza muito variada, tais como a visão de Xavier com estatura de gigante por um grupo de pessoas (tema que pela sua natureza espectacular era praticamente obrigatório nos carros alegóricos e nos teatros organizados durante as cerimónias da sua beatificação ou da sua canonização), enquanto recebiam de Xavier o baptismo na Ilha de Chincheu, em frente à China, e ainda as levitações introduzidas na sua hagiografia já nos primeiros processos realizados em Goa em 1565 (pp. 154-156). Torre Olleta menciona ainda uma série de outros episódios de carácter taumatúrgico e que na sua maior parte envolviam mulheres, por exemplo um episódio no qual a intercessão de Francisco Xavier evitou a consumação dum estupro, (pp. 158-159) ou foi fundamental para convencer um marido injustificadamente ciumento das suas mulheres acerca da fidelidade da mesma (pp. 161-163).

No sétimo capítulo e último capítulo, que se chama “El Poder de las imágenes, novenas, letanías, reliquias y otras devociones” (pp. 171-209), Torres Olleta destaca o milagre que terá sido realizado por uma imagem dum retábulo honrando Francisco Xavier e que terá agraciado uma religiosa em Moimenta da Beira.⁴ Por esta razão, foram colocadas cerca de sessenta imagens do santo em igrejas espalhadas por Portugal. Como aparece descrito em uma outra relação guardada na Biblioteca do Palácio Nacional de Ajuda, o Santo terá devolvido este

³ Neste contexto, teria sido interessante se Torres Olleta tivesse exemplificado algumas destas sobreposições aliás frequentes na hagiografia.

⁴ Biblioteca da Ajuda, Ms. 49-V-14, *Relação dum prodigioso milagre que o Apostolo do oriente San Francisco Xavier obrrou no Convento de N. Senhora da Purificação da villa de Muimenta da Beira em huma religiosa, 10 Março 1637*, ff. 63-69v.

favor, obrando milagres entre 1657 e 1658 por meio de estas imagens.⁵ Sem dúvida, Torres Olleta não poderia ter deixado de reproduzir o milagre da cura do Padre Jesuíta Francisco Mastrilli em 1634 (pp. 181-195). Trata-se dum milagre realçado pelos relatos hagiográficos de Francisco Xavier assim como de Mastrilli, devido ao facto de Mastrilli ter sido o principal responsável pela introdução da novena de S. Francisco Xavier na primeira metade do séc. XVII. Justificar-se-ia, do nosso ponto de vista, a referência ao facto de Mastrill ter sido o patrocinador da realização do túmulo em prata em 1636 e 1637 onde repousam ainda hoje os restos mortais do Apóstolo do Oriente. Após a menção deste milagre de excelência, Torres Olleta fala dum milagre muito pouco conhecido que terá ocorrido com um vigário no povoado de San Sebastian de Cepita (pp. 195-196). Este padre de vida exemplar ter-se-ia salvado dos ferimentos que lhe tinham sido desferidos por um outro vigário de má vida e invejoso da fama do primeiro, através das suas preces quotidianas duma litania a Francisco Xavier, segundo o relato do Padre Garcia.⁶ Após a descrição duma cura milagrosa que terá acontecido na Sicília por intercessão de Xavier em 7 de Janeiro de 1762 (pp. 196-202), Torres Olleta apresenta alguns episódios milagrosos relacionados com relíquias de contacto de Francisco Xavier, nomeadamente com um cinto com o qual cingia a sua túnica (pp. 202-203), relíquias dos seus trajes (pp. 203-204), escritos seus (204-205), madeira do seu caixão (pp. 205-207), terminando com os milagres que terão sido realizados pelo seu braço cortado em 1614 por ordem do Geral da Companhia Claudio Acquaviva para ser enviado para Roma (206-209).

Cristina Osswald

⁵ Biblioteca da Ajuda, Ms. 49-V-14, *Maravilhas que fez Sam Francisco Xavier en algunas terras onde forão postas suas imagens: Alenquer, Manteigas, Lisboa, Coimbra e Cantanhede*, ff. 124-124v.

⁶ Francisco GARCIA, *Vida y milagros de San Francisco Javier de la Compañia de Jesús, Apóstol de las Índias*, Madrid, Juan Garcia Infanzón, 1685, 486.

Anna Benvenuti, Sofia Boesch Gajano, Simon Ditchfield, Roberto Rusconi, Francesco Scorza Barcellona, Gabriella Zarri, *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*, coleção sacro/santo, 9, Roma, ed. Viella, 2005, 428 pp.

Da co-autoria de Anna Benvenuti – Professora de História Medieval na Universidade de Florença –, Sofia Boesch Gajano – Professor da mesma área na Universidade de Roma – Simon Ditchfield – Professor de História Moderna na Universidade de York –, Roberto Rusconi – actualmente, Professor de História do Cristianismo na Universidade de Roma Tre –, Francesco Scorza Barcellona – Professor de História do Cristianismo na Universidade de Roma Tor Vergata – e de Gabriella Zarri – Professora de História Moderna na Universidade de Florença – saiu à luz no primeiro trimestre de 2005 esta «*Storia della santità*».

A obra está estruturada em seis grandes partes: a primeira – «*Le origini*» – é dedicada aos primórdios do fenómeno até aos séculos IV e V; a segunda – «*La strutturazione della cristianità occidentale*» – trata o período que decorre grosso modo, desde o século VI até ao século XII em que a cristandade ocidental se desdobra e efectivamente se estrutura do ponto de vista institucional e também espiritual; a terceira – «*La civiltà urbana*» – compreende a fase de consolidação decorrida do século XII ao século XV; a quarta – «*L’età rinascimentale*» – é sobre a fase dos movimentos humanistas e das correntes influenciadas pela *Devotio Moderna*; na quinta parte – «*Il mondo della Riforma e della Controriforma*» – estuda-se o fenómeno no início da Época Moderna marcada pelos movimentos missionários, pela reforma Protestante, pelas posições tridentinas e pela cultura contra-reformista...; e na sexta e última parte – «*Una chiesa a confronto con la società*» – o enfoque vai para o período posterior à revolução Francesa em que se efectiva uma secularização da sociedade e conseqüentemente uma «laicização das instituições de poder» que, necessariamente, vêm «exigir» à Igreja uma redefinição das formas de se apresentar às sociedades contemporâneas... A imagem do santo e da santidade ganha novas configurações: o «modelo clerical» privilegiado desde os tempos da Contra-reforma perde essencialidade e assiste-se ao reconhecimento da «santidade laica» ou «social» materializada noutras experiências e modelos...

O fenómeno da santidade, claro está, teve desde os primeiros séculos do cristianismo uma importância fundamental para a compreensão do religioso, do político, do social e cultural e tem sido, por isso, um assunto profusamente estudado nas suas múltiplas manifestações. Esta obra, como se refere na introdução, quer ter um «carattere istituzionale (...) nato dal desiderio di mettere a frutto un lungo comune cammino, segnato da ricerche individuali e collettive, da confronti metodologici e storiografici sviluppati in tanti fecondi incontri di discussione e di progetti» (p. 15). Os capítulos que dão forma ao estudo, portanto – embora de autoria individual... –, dando relevo particular àquilo que designam como «produtos culturais», literários e artísticos que estes fenómenos inspiraram, pretendem

responder ao mesmo intento de – racionalizando as variantes... – sistematizar as dinâmicas do fenómeno durante a longa história do Cristianismo ocidental...

E a tarefa – privilegiando o prisma diacrónico – assenta sobre três «opções de fundo», que são ao mesmo tempo critérios metodológicos. A primeira consiste em aceitar como desafio o exercício de interlaçar a dimensão cronológica com a geográfica... Por um lado, clarificar as mutações diacrónicas, as vicissitudes que envolveram a história da santidade e, por outro, mostrar de que forma é que isso se projectou no espaço. Nos primeiros séculos da Cristandade foram «acontecimentos» circunscritos à área do Mediterrâneo... Na Idade Média dispersaram-se pelo Ocidente onde – principalmente a partir do momento em que a Igreja romana passou a «reconhecer oficialmente» a santidade e o culto dos santos – adquiriu características particulares, bastantes marcadas relativamente ao «mundo Oriental», que se viriam a acentuar depois da Reforma Protestante e do Concílio de Trento. Da Europa passou para as «terras de missão» e por toda a Cristandade, até à Idade Contemporânea, funcionou como elemento estruturante no viver da fé Católica...

Outra opção fundamental é a de estudar as formas de crença, os ritos, as manifestações culturais próprias do Cristianismo na sua dimensão teológica e nas suas manifestações litúrgicas. De facto, muitas vezes sob uma aparente homogeneidade, a adoração dos santos é um fenómeno espacialmente multifacetado. Embora a visão do santo – como alguém de vida exemplar através da qual conseguiu uma relação íntima com Deus que o coloca na privilegiada posição de mediador entre o natural e o sobrenatural... – funcione como plataforma comum, os cultos materializam-se em exteriorizações devocionais, espirituais e institucionais diversíssimas... O próprio «ciclo santoral» tem marcas litúrgicas nacionais e regionais particulares que contrariam a pretensão universalista... Mesmo as particulares devoções a Cristo e à Virgem são profundamente diversas – no espaço e ao longo do tempo... – no culto, nos ritos, na iconografia na taumaturgia...

Um outro propósito ainda é analisar a importante relação entre o culto dos santos e os contextos culturais e sociais em que acontecem... Pretende-se conhecer os diferentes artífices da *fama sanctitatis*, os fiéis que o privilegiaram os instrumentos e as «funcionalidades» do santo na relação com as instituições e as comunidades dos crentes... E neste sentido fica claro o fundamental papel que as devoções, a adoração de imagens, o «tráfico de relíquias» e a literatura hagiográfica tiveram nas épocas estruturantes da história da Cristandade, nos períodos de particular adversidade – como o vivido na época da Reforma Protestante em que a Igreja se viu particularmente assolada por correntes de descrença – ou ainda nos contemporâneos tempos de arrefecimento devocional...

Entre as muitas virtudes da obra, gostaríamos de relevar, por um lado, o mérito na sistematização, o propósito de interpretar as mudanças e as diversidades, a capacidade de mostrar a centralidade do objecto na compreensão da histó-

ria da civilização e da cultura....; e por outro, elogiar o cuidado no que diz respeito ao tratamento das fontes: precisamente por se saber da complexidade do fenómeno em causa e da finalidade sistemática da obra, depois de cada capítulo – de uma forma tematicamente ordenada e minuciosa – apresentam-se listas de bibliografia complementar essencial para trabalhos tematicamente localizados e exaustivos... É, por tudo isto, uma obra que incentiva, sugere e possibilita novas investigações...

João Carlos G. Serafim

Millenarismo ed età dell'oro nel Rinascimento. Atti del XIII Convegno internazionale (Chianciano-Montepulciano-Pienza. 16-19 luglio 2001). A cura di Luisa Secchi Tarugi, Firenze, Franco Cesati Editore, 2003, 705 pp.

O congresso internacional que teve lugar em Julho de 2001 nas cidades de Chianciano, Montepulciano e Pienza (Itália), intitulado *Millenarismo ed Età dell'oro nel Rinascimento*, reuniu um importante grupo de estudiosos oriundos de um grande número de universidades de diversos países: Alemanha, Canadá, Espanha, França, Hungria, Grã-Bretanha, Itália e Rússia. Infelizmente, Portugal não esteve representado, o que não significa que não se possam encontrar na nossa cultura e na nossa literatura do século XVI importantes testemunhos de que os temas debatidos neste congresso foram conhecidos entre nós e receberam formulações originais na obra de alguns dos autores mais representativos do nosso Renascimento.

Nas actas agora publicadas, podemos ler mais de quarenta trabalhos em torno da temática do Milenarismo e do mito da Idade de Ouro, duas perspectivas que projectam no tempo, embora em sentidos opostos, o anseio por uma humanidade em estado óptimo: enquanto o mito da Idade do Ouro está ligado a um passado longínquo, cujo regresso é esperado, o Milenarismo está projectado num futuro mais ou menos próximo, relacionado com a definitiva instauração do Reino de Deus, concretizada na imagem fascinante de uma Jerusalém Celeste.

O mito da Idade de Ouro, elaborado nos textos clássicos gregos e latinos, foi retomado na época do Humanismo e do Renascimento como manifestação literária da nostalgia de um mundo primitivo e fundado na Razão natural, ao qual o homem desejava – e, em certos casos, esperava – voltar, para viver de novo uma vida paradisíaca. Dando expressão a estas expectativas, o Milenarismo, enquanto movimento espiritual, articula-se com a crença no estabelecimento, durante mil anos, do Reino de Cristo na Terra, e atraiu as pessoas pela esperança, que configura, na possibilidade de estabelecer a paz e a harmonia universais, criando as condições para a *renovatio* do homem e o conseqüente retorno à Idade de Ouro. Sob esta

forma, os temas que serviram de mote ao congresso prendem-se, assim, com a escatologia cristã, formada e enriquecida sob a influência do *Livro do Apocalipse* e dos muitos comentários que foi inspirando ao longo da Idade Média e em tempos mais próximos, de Humanismo renascentista. Embora este livro bíblico anuncie dificuldades enormes, o seu espírito trágico deixa lugar à esperança que inspira a fé e procura contrariar qualquer atitude tibia da mente humana.

O grande número de trabalhos apresentados ao congresso de 2001 organizou-se em diversas secções: literatura, arte, filosofia, viagens, vida social. A maioria dos estudos trata a presença dos dois motivos aglutinadores nas obras concretas de alguns renascentistas e humanistas: Ronsard, Montaigne, Cervantes, Castiglione, Pico della Mirandola, Francisco de Quevedo, etc. Há, no entanto, um certo número de trabalhos com um carácter mais geral. Escolhemos alguns títulos: *La Voz de las Mujeres en la Edad de Oro* (por Isabel Colón Calderón, pp. 193-206), *L'Età dell'oro: fabula o paradigma del moderno?* (por Stefano Benassi, pp. 389-402), *Chiliastic Elements in Italian Culture of the Period of the Black Death* (por Alla V. Romanchouk, pp. 403-409), *Primitivismo ed età dell'oro* (por Lionello Sozzi, pp. 523-528).

Os dois motivos que congregam as intervenções neste encontro científico, co não podem ser separados do conceito de utopia, uma ideia central em algumas das obras mais significativas do Renascimento, por vezes ligada ao mito da cidade ideal cristã, podendo ainda revestir alguma forma mais particular, como acontece na literatura húngara do século XV. Neste sentido, podemos salientar o contributo trazido ao congresso por Amedeo di Francesco, da Università degli studi di Napoli "L'Orientale", com um trabalho sobre a "*Transsilvania incógnita*": *mito e utopia nella letteratura ungherese del secondo Cinquecento* (pp. 629-637). Aqui se pode aprender que no século XV a Transilvânia, na altura sob domínio húngaro, aparece na literatura como uma terra de maravilhas, verdadeiro Tündérszág (reino das fadas). Esta Transilvânia utópica constrói-se, pois, na escrita húngara através da criação de uma literatura de evsão e de entretenimento.

No mesmo contexto de perseguição de um ideal utópico, a América dos séculos XVI e XVII, situada no extremo do mundo recém-descoberto, é vista como uma manifestação da perfeição e da abundância. Alguns artigos apresentados nestas actas mostram esta visão ligada à obra dos primeiros descobridores: *La scoperta delle nuove terre: la natura giuridica degli editti papali alessandrini sotto il profilo del diritto canonico* (por Pier V. Aimone, pp. 467-506); *Terra di meraviglie: rappresentazioni del continente americano nel Rinascimento* (por Cristina Perissinotto, pp. 639-649). A felicidade oferecida pelo novo continente vem das riquezas que podem ser divididas entre os que primeiro o povoam, para os quais este "novo mundo" aparece como uma *tabula rasa* ou *terra nihilis*. Deste modo, abre-se para os europeus a possibilidade de encontrarem aqui o que a velha Europa já não lhes podia oferecer, incluindo as liberdades política e religiosa. A

esta imagem de um lugar paradisíaco, onde a Idade de Ouro teria pervivido, anda associado o mito do "bom selvagem" e uma visão idealizada da Natureza.

Particularmente revelador das expectativas abertas pela descoberta do "Novo Mundo" e exemplificativo da mentalidade do homem que o descobriu é o conteúdo do *Libro de las Profecias*, um manuscrito deixado por Cristóvão Colombo ao seu filho Fernando que foi o assunto da comunicação apresentada ao congresso por Klaus Wagner (*Cristoforo Colombo e il Libro de las Profecias*, pp. 507-514). Uma simples resenha desta obra deixa perceber a pertinência – e, até, a urgência... – da temática abordada neste congresso, se quisermos penetrar a mentalidade e a sensibilidade de um europeu nas derradeiras décadas do século XV. Com efeito, os quatro temas fundamentais abordados por Colombo no seu *Libro de las Profecias* são: a descoberta das terras desconhecidas, a libertação de Jerusalém, a propagação da fé cristã e a proximidade do fim do mundo. Uma das ideias fixas do descobridor da América é a libertação das mãos dos infiéis da cidade santa e do monte de Deus (Sion), onde Cristo deverá voltar para realizar a *parusia*, acontecimento que lhe aparece como iminente, graças às realidades das descobertas. De facto, depois das navegações do século XV a fé cristã pode estender-se a todos os povos da Terra e, deste modo, torna-se possível confirmar a *plenitudo gentium*, de acordo com a profecia de Isaías. Por outro lado, uma vez convertidos todos os homens, a aparição do Anticristo e o fim do mundo estarão próximos. Baseando-se num texto de Santo Agostinho (um adversário das teses milenaristas...), em Alfonso X, o Sábio, e em Pierre d'Ailly, Colombo calcula que faltam 155 anos até que se completem os seis mil necessários para que o mundo, tal como existe, desapareça, dando lugar à *renovatio* universal. Estas ideias de Colombo acabaram por dar lugar ao messianismo americano, graças ao qual as terras recentemente descobertas vão transformar-se, para muitos europeus dos séculos XVI e XVII, nos ansiados e anunciados "novo céu e nova terra".

Alina Georgiana Anghel

S. João da CRUZ, *Obras Completas*, Avessadas, Ed. Carmelo, 2005, 912 pp.

Para leitura e consulta das obras deste Doutor da Igreja, o recurso fácil e seguro a que, até aqui, tínhamos deitado a mão, sempre fora, como certamente grande maioria de estudiosos e curiosos, uma das numerosíssimas edições do texto da incontornável edição crítica das suas *Obras Completas*, da benemérita e prestigiada B.A.C. (Biblioteca de Autores Cristãos), com introdução, notas e apêndices do carmelita descalço Lucinio Ruano de la Iglesia. Ao alcance da mão, nas suas estantes, qualquer um de nós podia ler o texto original do santo, na língua materna de que ele é grande glória literária...

Um antigo e vivaz bilinguismo cultural das elites sociais portuguesas, a facilidade lusa para as línguas e, nomeadamente, para o entendimento do castelhano, foram ao longo do tempo dispensando traduções e facilitando o saboreio de uma obra que – afinal, por definição – ficará sempre diminuída fora da língua em que nasceu, por muito hábeis e competentes que sejam os tradutores. A necessidade de consulta do texto na língua original permanece e permanecerá, evidentemente, mas, ao mesmo tempo, seria muito estranho que, num país tão marcado pelo magistério sanjoanista e pela espiritualidade do carmelito reformado, não houvesse traduções portuguesas a que recorrer. Como em breve nota de apresentação nos é explicado, o Carmelo de Fátima tem sido, em Portugal, o grande divulgador dos escritos de S. João da Cruz, com uma tradução do texto espanhol conforme a 2.ª edição do P. Silvério de Santa Teresa, contando já cinco edições.

Perante um alegado «crescente apetite pela leitura e doutrina deste carmelito descalço», aproveitando a circunstância de, no ano de 2005, a Igreja e a Ordem do Carmelo Descalço em Portugal receberem a visita das relíquias de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, entenderam – e bem – os padres carmelitas descalços portugueses que se impunha uma nova tradução portuguesa das obras do seu patrono, de modo a «tornar mais acessível a experiência e a doutrina deste Doutor da Igreja». Constitui esta nova tradução que aqui recenseamos a sexta edição das Obras Completas do santo.

Nada mais normal e salutar – da parte dos frades carmelitas – do que colocar a nua verdade dos textos do grande místico e a sua simples difusão ao serviço da natural adesão interior à mensagem que consigo transportam. Assim entendem – e bem – servir a sua religião e a Igreja, honrando as letras e a ciência. Não se trata, todavia, de uma edição a que alguém possa chamar "apologética". Efectivamente, as introduções de Federico Ruiz Salvador (a sinóptica e sólida introdução geral e as oportunas e pontuais introduções que precedem, analisam e contextualizam os «Escritos Breves», as Cartas e cada uma das «obras maiores» do santo), traduzidas e adaptadas por Manuel Fernandes dos Reis, sóbrias e escorreitas, são textos de um reputado especialista em matéria de literatura de espiritualidade. O que o religioso carmelito descalço e sanjoanista encartado aí escreve é ciência, erudição sólida, e por essa via prestando o melhor dos serviços que dele se poderiam esperar. Que reparar ou objectar se se vê que o erudito é pastor, animado pela fé e pela devoção ao seu patrono? De resto, todo o colectivo que trabalhou na edição desta tradução portuguesa merece as melhores felicitações: a efeméride que quiseram marcar foi uma oportunidade de trabalho feito com todos os requisitos do profissionalismo, que nem de fora deixou o aspecto externo e material do volume. A modestíssimo preço, o público pode adquirir um volume de excelente toque e aspecto gráfico, com esmero de capas e contracapas, e cujo folheio lhe reserva agradáveis surpresas. Entre estas, sublinharia os excelentes índices e as oportuníssimas notas. Nalguns casos indispensáveis, como no das

Cartas, estas notas chegam a ser verdadeiramente exaustivas na informação disponibilizada para entendimento dos contextos vividos pelos destinatários.

Cumpra ainda, evidentemente, referirmo-nos à valia técnica e literária das traduções. Tarefa difícilíssima, parece ter sido acometida com muita humildade e com uma familiaridade com os escritos e contextos epocais e ideo-culturais do santo que muito terão contribuído para o feliz resultado final. Neste, sobrepuja uma fidelidade muito estrita ao texto original, combinada com grande naturalidade e sentido de oportunidade nas opções de tradução, o que sobretudo é de sublinhar no caso das poesias, a cargo de Fernando Melro.

Neste ponto parece-nos justo dizer ao Padre Agostinho Leal, tradutor do texto e notas, teólogo laureado no Porto e Salamanca, e, por opção, humilde «passarinho de Avessadas», com os olhos postos no ensino do caminho percorrido pela Águia de Fontiveros, que, segundo cordialmente cremos, pode estar tranquilo quanto aos objectivos que se propunha alcançar com a presente edição, embora nos seja lícito continuar a esperar muito mais de futuras iniciativas suas, no mundo da literatura de espiritualidade.

Esta edição, como sugerimos, é de resto natural e como que uma espécie de justa homenagem às fecundas e precoces tradições sanjoanistas do nosso país. Estas foram, em parte, recentemente evocadas pela solícita atenção de J. Pinharanda Gomes em *Imagens do Carmelo Lusitano* (Lisboa, Ed. Paulinas, 2000). Para além dos elementos aí aduzidos, basta apenas lembrar – ainda – que S. João da Cruz foi beatificado pelo Papa Clemente X a 25 de Janeiro de 1675, e que no ano seguinte, Frei Agostinho de Santa Maria (O.S.A.D.) compunha o *Adeodato Contemplativo*, afortunada obra, propondo «uma universidade da oração» não restrita aos «desertos» monásticos, mas aberta «aos rudos e ignorantes» e a gente «de todos os estados», marcada pela inspiração matricial dos reformadores do Carmelo e de S. Francisco de Sales. Basta apenas lembrar que, obedecendo ao capítulo geral da sua congregação, celebrado em 1670, o carmelita descalço Frei António do Espírito Santo, natural de Montemor-o-Velho, escreveu em latim um *Directório Místico* de grande fortuna editorial europeia, compendiando orientações do magistério espiritual dos dois autores castelhanos, ou que um outro ilustre carmelita descalço português, natural de Braga, Frei José do Espírito Santo, aí e na distante cidade da Baía fundador de conventos, obteria quatro anos depois do seu falecimento, em 1674, a publicação em Madrid, da sua *Cadena Mystica Carmelitana*, outra obra de impacto europeu, feita sob inspiração de Santa Teresa e S. João da Cruz, e, apesar de inacabada, considerada uma das mais bem conseguidas do seu género. Finalmente, a transmissão da experiência de S. João da Cruz enquanto mistagogo, à qual Federico Ruiz dedica pertinentíssimas reflexões (pp. 32-33), parece exprimir-se plenamente na *Historia da Vida* de S. João da Cruz, da autoria de D. Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto, e publicada em Lisboa, em 1680, na oficina de Miguel Manescal.

Em atenção ao primeiro carmelita descalço teremos próximamente novas benemerências editoriais das edições Carmelo e do Convento de Avessadas, desta feita consagradas a textos de autores portugueses da linhagem e posteridade espiritual dos fundadores? Oxalá.

Pedro Vilas Boas Tavares